

## ***Pós-graduação na Faculdade de Ciências Médicas: conquistas, desafios, incertezas...***

Lilian Vieira Magalhães<sup>1</sup>

Quais as chances de sucesso do programa de Pós-graduação da Faculdade de Ciências Médicas - Interdisciplinariedade em Ciências da Saúde?

Essa constrangedora pergunta pode receber inúmeras respostas, a depender da lógica utilizada para a sua avaliação. Vamos aos fatos.

Em setembro de 1994 o Conselho de Coordenação de Ensino e Pesquisa da PUCCAMP aprovou a criação do Programa de Mestrado proposto pela FCM, definindo sua implantação imediata tão logo fossem ultimados os expedientes legais exigidos pelos órgãos governamentais (recomendação da CAPES). O programa previa 4 linhas de pesquisa, a saber:

- 1) Interdisciplinariedade em saúde coletiva;
- 2) Perspectiva interdisciplinar em clínica;
- 3) Cirurgia;
- 4) Saúde mental.

Cada uma das quatro áreas oferece disciplinas básicas e obrigatórias, de caráter temático ou metodológico. Isto configura um projeto de corte inovador não só em suas premissas teóricas, mas sobretudo na maneira como foi operacionalizado.

Serão 48 vagas distribuídas por profissionais de todas as áreas de afinidade com as Ciências da Saúde, o que se justifica pela tradição da FCM na tentativa de articulação das práticas e saberes que, apesar de distintos, sejam concernentes à saúde.

É possível o início das atividades ainda em 1995, condicionado aos referidos expedientes legais e à determinação política da instituição.

Onde começa essa história?

Há pelo menos 15 anos vimos construindo um *trabalho insano* de realização conjunta de atividades editoriais, de planejamento e consultoria, de coordenação e gerenciamento de serviços, além da oferta de cursos *lato sensu* e da própria graduação.

Há cerca de 5 anos foi criada uma comissão preliminar para estudos sobre a demanda por capacitação entre os docentes.

Aquele grupo identificou então os principais interesses dos docentes, bem como as linhas de pesquisas esboçadas à época.

O trabalho da Comissão permitiu a consolidação do projeto na sua versão final, com forte acento interdisciplinar.

Nossa história está repleta de tentativas de integração. Nas semanas de estudos, nos centros de saúde, entre as disciplinas básicas e profissionalizantes.

Poucas faculdades no país possuem colegiados tão democráticos, raros são os serviços multidisciplinares, enfim, não são muitas essas experiências na realidade brasileira de saúde.

Por outro lado, se faltam modelos sobram desconfianças.

Sobretudo para alguns professores da própria FCM parecem restar perguntas para as quais eles não acreditam receber respostas objetivas.

Não seriam mais ágeis os serviços isolados?

A metodologia de trabalho em comissões multiprofissionais não cria obstáculos aos projetos das áreas já consolidadas?

Tanta integração não acaba descaracterizando as tradicionais áreas de produção de serviços e pesquisa?

Se cada área realizasse o seu programa sem a interferência dos demais a produtividades não seria maior?

(1) Professora Titular do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ciências Médicas da PUCCAMP, Membro da Comissão de Pós-Graduação do CONCEP, 1994.

Ou seja, não poderíamos imitar outras instituições e implementar projetos de corte tradicional (clínica para clínicos, cirurgia para cirurgiões, e assim por diante)?

A resposta talvez pudesse ser afirmativa caso estivéssemos fabricando parafusos. Entretanto, estamos cuidando, em 1995, de promover, preservar ou recuperar a saúde de seres humanos. E isso já não é possível com medidas isoladas.

Sem engenharia genética, sem informatização, sem reformulação do espaço urbano, sem reestruturação da produção e conservação de alimentos não se pode mais falar em saúde. Isto para ficar apenas nos preâmbulos da prevenção.

As ações de assistência só fazem aumentar essa complexidade. Ou seja, qualquer tentativa séria de intervir, produzir conhecimento ou divulgar informação em saúde supõe novos conceitos e paradigmas.

Pois bem, vista assim, a proposição de um programa de mestrado (inicialmente) com área de concentração em Interdisciplinariedade parece perfeitamente justificada. Será?

De novo aos fatos.

Pode-se afirmar que sim desde que cada docente, estudante e funcionário compreenda e aceite o significado desse desafio.

De nada adiantarão as redes de informações (Compuserver, Internet) se continuarmos trancados

nos guetos das corporações. Cada um no seu mundo particular.

Se as aulas, as práticas e os projetos continuarem divididos em graus de importância segundo critérios de status e parafernália técnica, a expressão **Interdisciplinariedade** torna-se um *slogan* vazio.

É preciso compreender (e aceitar) que a pós-graduação só foi possível graças à experiência acumulada na graduação e nas demais atividades de extensão e pesquisa. Todas.

Não é *mais um projeto*. É a continuidade *do* projeto.

É preciso compreender (e aceitar) que a almejada emancipação técnica do homem só faz sentido se for dirigida para o benefício (e para a emancipação) de todos os homens.

É preciso, portanto, apreender e continuar garantindo a magnitude de um programa que pensou na diversidade a partir da integração e que busca permitir a pluralidade de maneira criativa e muito singular. E que, embora formulado por um grupo, supõe o envolvimento de todos. Ou não se realizará.

O sutil movimento de um caleidoscópio seria uma imagem bastante representativa desse nosso tempo.

Espelhos e cores. Possibilidades.

Que o nosso desenho, pleno de desafios, seja uma imagem fiel de todas as nossas chances.

Recebido para publicação em 3 de abril de 1995.